BALDUÍNO RAMBO – O BOTÂNICO[1]

MARIA SALETE MARCHIORETTO[2]

Balduíno Rambo nasceu em 11 de agosto de 1905, em Tupandi, distrito do município de Montenegro.

Em 1923, terminado o curso primário, ingressou no noviciado dos jesuítas em Pareci Novo. Fez o curso de Filosofia em Pullach, perto de Munich, estagiou como professor de História Natural no Colégio Anchieta, estudou Teologia no Seminário Conceição, em São Leopoldo e, aos 30 anos, ordenou-se sacerdote.

A especialização, tão comum nos nossos tempos, não favorece atualmente o aparecimento de homens polivalentes. Balduíno Rambo, entretanto, foi um destes pioneiros de múltiplas facetas e de atividades prodigiosas, que em pouco tempo de vida conseguiu realizar uma grande obra, distribuída por diversos campos – e, não raro, opostos –, como ciência, magistério, atividade religiosa (sacerdote católico), organização de empresas, literatura popular, etc.

As realizações científicas de Balduíno Rambo concentram-se na botânica. Neste campo, ao iniciar sua carreira ele estabeleceu um programa tão amplo que só pode cumprir em parte. Em 1931, deu início às coletas para seu Herbarium Anchieta (PACA), fundado em 1932, o qual forneceria parte do material para seu projeto. O herbário, do qual ele era o coletor, preparador e curador, contava na época da sua morte com 65.000 exemplares, sendo, destes, 3.600 espécies nativas, isto é, quase todas as espécies do Rio Grande do Sul conhecidas naquela época, e tudo perfeitamente classificado e devidamente fichado. Como ele fazia todo o trabalho pessoalmente, compreende-se que conhecesse quase todas as plantas do estado e suas associações. A cada três meses ele revisava planta por planta, para os cuidados necessários de conservação. Parecia-lhe mais eficiente fazer ele mesmo o trabalho, do que encarrega-lo a outros. Para domínio de toda esta obra gigantesca, o Pe. Rambo tinha uma pontualidade e organização que deixava a todos admirados.

Para a determinação dos exemplares de seu herbário, durante vários anos, todas as quintas feiras, às 14:00 horas, o major Karl Emrich chegava ao Colégio Anchieta e se dirigia ao sótão da capela para realizar este trabalho. As determinações eram acompanhadas de belíssimas aquarelas que Emrich realizava.

As publicações botânicas, iniciadas em 1932, somavam, até sua morte, 40 trabalhos publicados, em diversas revistas científicas. Ainda deixou prontos para publicação 14 manuscritos, num total de 930 páginas, referentes a outras famílias de seu herbário. Rambo pretendia, até o final de 1962, terminar os manuscritos com o material restante do herbário. Realizada esta etapa de seu projeto, sua intenção era seguir com estudos mais amplos, como a sociologia das plantas, fitogeografia, história da flora e outros enfoques na área botânica. Como terceira etapa seguiu os estudos de cunho teórico, sendo que destes só pode concluir poucos trabalhos. Para a realização do seu plano, no ritmo de trabalho que levava, seriam necessários ainda 15 a 20 anos para sua concretização.

Além do próprio herbário, Rambo cuidava e conservava a coleção de fungos e os manuscritos de Johannes Rick, sendo que parte dos inéditos foi por ele editado e publicado na revista Iheringia, do Museu Riograndense de História Natural, após cuidadosa revisão.

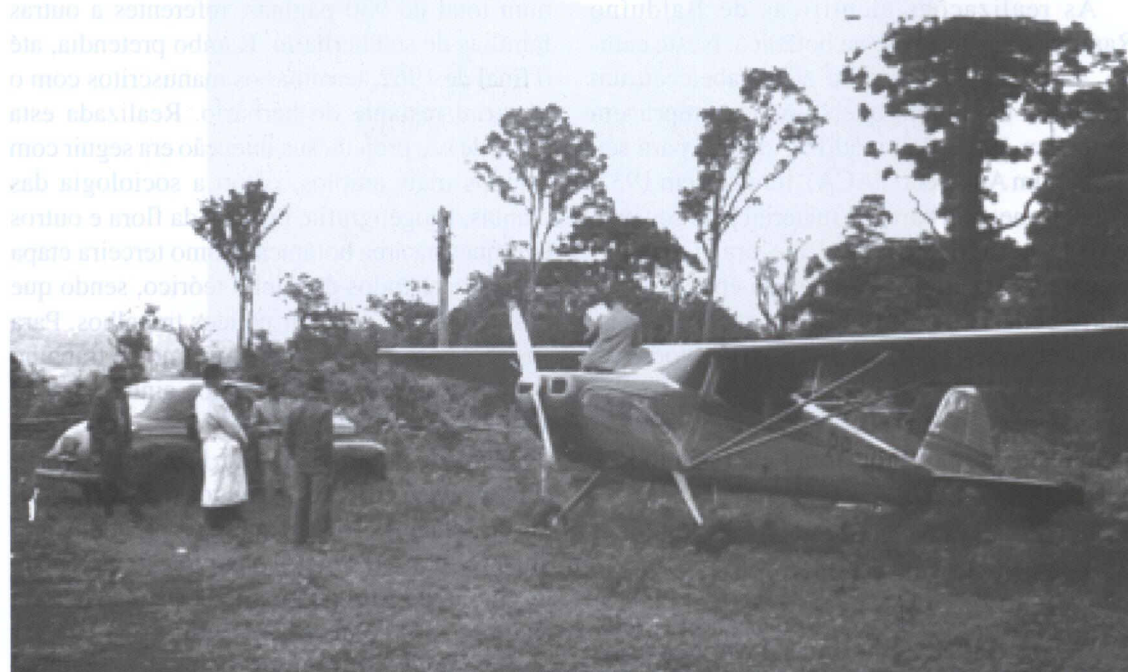
Em função dos cargos ocupados, Rambo, como amante e profundo conhecedor da natu-

[1] Recebido em !3-5-2013 e aceito para publicação em 20-5-2013.

[2] Pesquisadora e curadora do Herbarium Anchieta, Instituto Anchietano de Pesquisas/UNISINOS, Rua Brasil, 725, Caixa Postal 275, 93001-970 – São Leopoldo, RS. (saletemarchioretto@gmail.com)



Rambo e amigos, nas colônias alemãs (1941).



Balduino Rambo, em sobrevoos (1953).





Rambo em viagem de canoa e em embarcações maiores.



Balduíno Rambo em sua última visita a Santa Maria (22 de novembro de 1959).

reza, sempre defendeu a flora regional e, por sua intervenção, o Serviço Florestal da Secretaria da Agricultura criou o Parque Nacional dos Aparados da Serra (a região do Itaimbezinho) no município de Cambará do Sul. Também se empenhou na fundação do Jardim Botânico de Porto Alegre e no estudo da fundação do Jardim Zoológico, no município de Sapucaia do Sul, bem como do Horto Florestal, ambos integrantes, atualmente, do Museu de Ciências Naturais da Fundação Zoobotânica do Rio Grande do Sul.

Nos últimos anos de vida, Balduíno Rambo despendia cada vez mais tempo em tarefas administrativas. Desde 1954 foi diretor da Secção de Ciências Naturais da Divisão de Cultura da Secretaria de Educação do Rio Grande do Sul e diretor do Museu Riograndense de História Natural.

Em 1956, para garantir a conservação e continuação dos trabalhos científicos na circunscrição sul-brasileira da sua ordem, fundou, com um grupo de outros jesuítas, o Instituto Anchietano de Pesquisas, no qual primeiro foi pesquisador e conselheiro, tendo sido conduzido, em 1958, a diretor da revista Pesquisas, que na época apresentava as séries zoológica e botânica; destas, persiste a última, atualmente com 64 números. Rambo referia-se à criação do Instituto como algo de que não havia similar no Brasil. Uma de suas maiores preocupações durante todo este tempo era com a formação de novos pesquisadores, para dar continuidade às obras científicas por ele iniciadas no sul do Brasil.

O seu tempo era cuidadosamente distribuído e gasto segundo um plano racional. Não lhe agradavam longas conversas sobre assuntos que não lhe interessavam como também não tinha simpatia por congressos científicos longos. Gostava de viajar e quando o fazia sempre estava com o lápis e o caderno de apontamentos em mãos.

Interessado em conhecer a diversidade da paisagem e da flora do Brasil, sobrevoou grandes áreas do país em pequenos e inseguros aviões, de pouca autonomia, tendo em uma das mãos um aparelho fotográfico e, na outra, um caderno de anotações. Nesta atividade, foi precursor do posterior mapeamento aéreo, que resultou na cartografia do Exército, antecessora do Radambrasil e atualmente sucedido pelas imagens de satélite.

Em 1959, o governo dos Estados Unidos convidou o Pe. Rambo para uma visita de três meses aos museus, parques nacionais e institutos de ciências naturais do país. Nesta viagem, ele registrou as suas observações em aproximadamente mil laudas escritas.

No ano de 1960, Rambo viajou durante quatro meses à Alemanha, a convite do governo, registrando em seu diário todas as visitas e contatos realizados durante sua estadia naquele país.

Uma das obras mais importantes de Rambo e que até hoje é consultada é a "Fisionomia do Rio Grande do Sul", um tratado geral sobre a fisionomia natural do estado, que compreende os apontamentos e observações de dezenas de milhares de quilômetros viajados, de avião ou por terra. Esta obra é tão vasta no assunto que um dia alguém achou impossível que um único homem tivesse feito todas estas observações.

A morte prematura de Balduíno Rambo ocorreu em 12 de setembro de 1961, aos 56 anos, encerrando sua brilhante carreira. Sua obra está preservada no Instituto Anchietano de Pesquisas/UNISINOS, de modo que sua continuidade está, felizmente, assegurada.